



OS JOGOS OLÍMPICOS COMO HIEROFANIA: RITO E RITUAL, UMA TRADIÇÃO, MAIS QUE UM CAMPEONATO

Resumo - Os Jogos Olímpicos de Tóquio de 2020, a competição mais celebrada do mundo, mais ansiada pelos atletas e de maior visibilidade do planeta foi suspensa em virtude de eclosão da covid-19. A quebra do ritual, inédita na história olímpica contemporânea, afirma a magnitude da pandemia que assolou o planeta nesse ano. Diante da impossibilidade de realização nesse ano as autoridades olímpicas adiaram, em princípio, os Jogos para 2021 entendendo a condição temporária da situação. Se do ponto de vista comercial isso resolveria um problema para a cidade sede e para o COI, por outro lado essa decisão colocaria em xeque a dimensão ritualística da competição esportiva, pautada em um imaginário celebrativo/heroico que remonta aos Jogos Olímpicos da Antiguidade e a todo o campo simbólico construído ao longo do último século. Esse artigo tem por finalidade discutir a hierofania dos Jogos Olímpicos e a extensão da pregnância mítica alcançada pela tradição de um ritual reconfigurado para o século atual.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; ritual; imaginário; celebração.

THE OLYMPIC GAMES AS HIEROPHANY: RITE AND RITUAL, A TRADITION, MORE THAN A CHAMPIONSHIP

Abstract – The Tokyo 2020 edition of the Olympic Games, world’s most celebrated sports competition, the one athlete yearns for the most, was suspended due to the covid-19 pandemic. This violation of the Olympic ritual, which jeopardizes the mythical “Pregnanz” of the Games, affirms the magnitude of the pandemic that devastated the world this year. Given the impossibility to deliver the Games this year, the International Olympic Committee (IOC) have postponed the Games for July 2021, at first, under the premise that this situation is temporary, and will hopefully have been managed by the end of the first semester next year. From a commercial standpoint, this decision solved many problems for the host city and for the IOC. On the other hand, it has forsaken the ritualistic dimension of the Games, sustained by the ethereal imagery of heroic celebration that traces back to the Ancient Olympic Games, and the whole symbolic field built during the past century that grants to the Olympic Games their sacredness. This paper aims to discuss the hierophany of the Olympic Games, and the mythical “Pregnanz” reached through the sustenance of a ritualistic tradition reconfigured for contemporary times.

Keywords: Olympic Games; ritual; imaginary; celebration.

MEGAEVENTOS DEPORTIVOS, OPINIÓN PÚBLICA Y MEDIOS DE COMUNICACION: UN BALANCE DE LA COBERTURA MEDIÁTICA E INVESTIGACIÓN CUANTITATIVA EN LOS JUEGOS OLÍMPICOS DE RÍO 2016

Resumen - Los Juegos Olímpicos de Tokio 2020, la competición más celebrada en el mundo, más ansiada por los atletas y la más visible del planeta, se suspendieron debido al estallido del covid-19. La ruptura del ritual, sin precedentes en la historia olímpica contemporánea, afirma la magnitud de la pandemia que devastó el planeta ese año. Ante la imposibilidad de celebrar ese año, las autoridades olímpicas pospusieron, en principio, los Juegos para 2021, entendiendo la condición temporal de la situación. Si, desde un punto de vista comercial, esto resolvería un problema para la ciudad anfitriona y el COI, por otro lado, esta decisión pondría a prueba la dimensión ritualista de la competencia deportiva, basada en imágenes heroicas de celebración que se remontan a los Juegos Olímpicos Antiguos y a lo largo de El campo simbólico construido en el siglo pasado. Este artículo tiene como objetivo discutir la hierofanía de los Juegos Olímpicos y el alcance de los embarazos míticos logrados por la tradición de un ritual reconfigurado para el siglo actual.

Palabras-clave: Juegos Olímpicos; ritual; imaginario; celebración.

Katia Rubio

Faculdade de Educação

*Universidade de São
Paulo, Brasil*

katrubio@usp.br

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v4.id99](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v4.id99)*

Recebido: 28 abr 2020

Aceito: 29 mai 2020

Publicado: 8 jun 2020

At the first call of renascent Olympism exactly twenty years ago, athletic unification, so critical for the success of the Olympiads, was taking its first baby steps. Hesitancy and resistance arose as soon as its strength began to wear down gradually.... No one believed that they would survive, but people accepted the originality of these large meets, embellished as they were with ancient prestige.
(Pierre de Coubertin, 1913)

Introdução

Os Jogos Olímpicos fazem parte da cultura helênica seja na condição de mito, e suas múltiplas interpretações, ou como fato histórico cujo marco de início remonta a 776 a.C.¹, momento em que são registrados os nomes dos vencedores das provas atléticas na porta do estádio no Templo de Zeus, em Olímpia. Ou seja, a marca daquela celebração era a disputa entre homens habilidosos que se dispunham a se apresentar publicamente demonstrando assim sua potência no pentatlo, nas corridas, nos saltos, arremessos e lançamentos, bem como nas lutas e na condução de carros puxados por animais.

Olímpia era considerada um centro político e religioso e favoreceu, sob forma de associação, a agregação de várias outras cidades, para a realização dos jogos, entre elas Esparta. A base dessa federação foi o reconhecimento de Zeus como protetor comum e os jogos como uma festa em sua homenagem, que segundo exigência do oráculo de Delfos deveria ser celebrada de 4 em 4 anos, no dia da Lua cheia após o solstício de verão. A escolha desse dia devia-se ao fato desse ser o momento em que o Sol, atingindo o ponto mais elevado de sua carreira no hemisfério Norte, resplandecendo em todo o brilho, mostrava-se vitorioso aos seus inimigos mais temíveis. As corridas e combates dos atletas reproduziriam a imagem do curso anual do Sol e as vitórias deste sobre os diferentes signos do zodíaco².

Os Jogos Olímpicos marcaram de tal forma o modo de vida grego que durante sua realização era decretada a trégua, ou seja, três meses antes do início desse acontecimento eram suspensas todas as guerras, os soldados eram proibidos de pegar em armas ou participar de conflitos armados, mesmo contra povos invasores, para que atletas e espectadores pudessem chegar a Olímpia sem sofrer qualquer tipo de ataque.

Heródoto conta que essa dedicação aos Jogos era o resultado de uma nobre educação física praticada por amor a si e em honra aos deuses. Ele conta que em 480 a. C., o rei Xerxes conduziu os exércitos do Oriente através do Helesponto, conquistou a

Tesalia, abriu por traição o paço marítimo das Termópilas e entrou na Grécia, que estava, ao que parecia, desprevenida e indefesa. Ao interrogar uns desertores famintos da Arcádia, perguntou-lhes sobre o que faziam os gregos naqueles momentos cruciais. A inesperada resposta foi: 'Estão celebrando as Olimpíadas' (75ª Olimpíada). O rei Xerxes continuou indagando: 'Qual é o prêmio das competições?' 'Uma coroa de ramos de oliveiras' foi a resposta. Então, um dos comandantes persas disse pensativamente ao general Mardônios: 'Temo por nós, se nos levam a combater contra homens que não lutam por ouro e prata, mas por virtudes viris!'³.

É a condição ritualística que marca a existência dos Jogos Olímpicos. A história grega está diretamente associada à história do esporte, que se confunde com o mito, os deuses e os heróis¹. Os Jogos para os gregos tinham um caráter sagrado, o que equivale dizer que os Jogos levam os seres humanos a se relacionar com o mesmo deus, razão pela qual se celebram os certames nos lugares sagrados, protegidos pelo deus daquele local: Olímpia –Jogos Olímpicos - Zeus, Delfos – Jogos Píticos - Apolo, Nemeia – Jogos Nemeus – Héacles, Coríntio – Jogos Ístmicos – Poseidon. Por sua vez, os Jogos atléticos ou gímnicos, são considerados apenas uma forma de competição, que somado a manifestações artísticas como a música e a poesia, completavam os estádios como um ambiente sagrado, tanto quanto os altares e templos, onde o ritual era celebrado.

Desde o princípio os Jogos Olímpicos afirmaram-se como um ritual épico que durou aproximadamente dez séculos até que um decreto de Teodósio 1º banuiu os Jogos Antigos, em 393 d.C. por serem considerados uma festa pagã em um mundo sob domínio da Igreja Católica. Nesse momento da história os Jogos Olímpicos já estavam desfigurados da condição de rito de séculos passados, já não representavam uma grande celebração a Zeus, nem se preservavam os valores morais de atletas e da competição em si, transformada em um espetáculo apenas.

Apesar da precisão com que são registrados os nomes dos campeões olímpicos, o início das práticas atléticas gregas confunde-se com a tradição mítica que envolve a própria história grega. O mito e a história, assim como o mito e o esporte, estão entrelaçados desde os tempos primordiais, mas a relação entre eles permanece inseparável, mesmo considerando as transformações que a humanidade sofreu nos últimos quatro mil anos.

A tradição do ritual inicial foi resgata e readaptada ao mundo contemporâneo no

final do século XIX depois de se compreender, a partir das descobertas arqueológicas, a potência e o esplendor daquilo que era mais do que uma competição.

O Movimento Olímpico surgiu para ser uma alternativa para a paz, uma linguagem de entendimento universal por meio do esporte. Aristocrático, tentou seguir à margem das grandes tensões internacionais para se firmar como uma instituição única. Sobreviveu e se fortaleceu ao longo do século passado, chegando na atualidade a ser considerada uma das instituições mais sólidas do planeta.

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna foram criados por Pierre de Coubertin, e inspirados no arsenal mítico, fortalecido por um ritual que se tornou uma tradição. Em pouco mais de um século os Jogos Olímpicos sobreviveram a duas Grandes Guerras Mundiais, à Guerra Fria, a dois boicotes por razões políticas, à superação do amadorismo pelo profissionalismo e a transformação de uma simples competição esportiva em um dos patrimônios mais valiosos do mundo. Nem mesmo as tensões geradas pela geopolítica internacional e os diferentes interesses comerciais, que insistem em alterar a ordem natural da coisa olímpica, foram suficientes para abalar a realização dos Jogos.

Tradição e ritual completam-se e confundem-se depois de mais de 100 anos de existência. Compreendido como ritual, uma cerimônia que independentemente do cenário político ou social do momento histórico é realizada, os Jogos Olímpicos de 2020 entraram para a história não como os Jogos adiados, mas como não realizados. Desfigurado por uma força microscópica, destituída de consciência ou intenção, o covid-19, os Jogos se mostram essencialmente humanos, ou melhor, um fenômeno que apenas existe e se realiza pela presença física do humano atleta. Não há força política ou econômica superior à potência da habilidade do protagonista do espetáculo esportivo.

A competição mais celebrada do mundo, mais ansiada pelos atletas e de maior visibilidade do planeta foi colocada em xeque. A quebra do ritual, inédita na história olímpica contemporânea, afirma a magnitude da pandemia que já deixou milhares de mortos pelo mundo.

Esse artigo tem por finalidade discutir a hierofania dos Jogos Olímpicos e a extensão da pregnância mítica alcançada pela tradição de um ritual reconfigurado para o século atual.

Entre o ritual e a tradição

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna nasceram a partir do interesse de Pierre de Coubertin pelos estudos clássicos, além das descobertas de sítios arqueológicos que permitiam desvendar acontecimentos relacionados aos Jogos Olímpicos da Antiguidade. Reconhecendo a potência simbólica daquelas descobertas Coubertin tomou para si a tarefa de organizar um evento, e uma instituição que garantisse a realização de um evento considerado ritualístico no passado remoto, depois convertido em uma festa pagã, para ajustar-se ao mundo moderno na forma de competição esportiva.

O projeto de restauração dos Jogos Olímpicos como na Grécia Helênica teve início em 1892. Liderando o processo Coubertin anunciou seu desejo: “É necessário organizar novos Jogos Olímpicos⁴ (p. 121)”. A referência utilizada para dar cabo da audaciosa tarefa de promover uma competição esportiva de âmbito internacional, eram os Jogos Olímpicos gregos.

E assim, pautado em uma celebração secular inventa-se uma tradição chamada Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Tradição tem como objetivo e característica a invariabilidade, cujo passado impõe práticas fixas que se fundamentam na repetição. Nesse sentido, tradição distancia-se do costume cuja finalidade é dar suporte a mudanças que os tempos atuais impõe à sociedade do presente⁵. O sentido que os autores atribuem à tradição também a diferenciam de rotinas, normalmente de caráter técnico, definidas como hábitos desenvolvidos, sem caráter ritualístico ou ideológicos, cuja intenção é automatizar procedimentos para que sejam facilmente reproduzidos, por isso a tradição distancia-se da rotina, bem como do costume. A invenção de uma tradição é essencialmente um processo de formalização e ritualização baseado em eventos passados, ainda que esteja pautado na imposição da repetição, sem que isso se configure como costume ou rotina. Elas ocorrem em função da quantidade e da velocidade de transformações que ocorrem na sociedade, demandando ressignificações na sociedade moderna e contemporânea. Isso não significa dizer que as tradições das sociedades mais antigas tenham se tornado obsoletas.

Houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins. Instituições antigas, com funções estabelecidas, referências ao passado e linguagens e práticas rituais podem sentir necessidade de fazer tal adaptação⁵ (p. 13).

Produto da sociedade industrial do século XIX, o esporte desenvolveu-se como uma prática pautada na cultura corporal de movimento nas escolas inglesas, cujo modelo competitivo inspirou Pierre de Coubertin a estruturar a competição olímpica, uma vez que o imaginário dos Jogos Olímpicos seria importado da cultura grega. O costume inglês necessitava de uma base de tradição para se impor ao mundo marcado pelas estratégias colonialistas. As inovações, até conquistarem reconhecimento social, precisam de valores socialmente respeitados, para terem longevidade. A busca de ideais seculares, como a cerimônia e os rituais olímpicos, tiveram essa finalidade: dar à aventura esportiva de nobres e aristocratas a sustentação ritualística de deuses e heróis.

Ao colocar-se contra a tradição e a favor das inovações radicais, a ideologia liberal da transformação social, no século passado (XIX), deixou de fornecer os vínculos sociais e hierárquicos aceitos nas sociedades precedentes, gerado vácuos que puderam ser preenchidos com tradições inventadas⁵ (p.16).

É o caso inegável dos Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Não há como negar um ritual que consagrou o atleta Leônidas de Rhodes depois de triunfar por 12 vezes entre os anos de 164 e 152 a.C., ou ainda Emil Zatopek com suas 5 medalhas olímpicas (4 de ouro e 1 de prata em provas de atletismo de fundo) entre os anos de 1948 e 1952, o nadador Mark Spitz com 11 medalhas (9 de ouro, 1 de prata e 1 de bronze), ou mais recentemente Usain Bolt com 9 medalhas de ouro entre 2008 e 2016 em provas de velocidade no atletismo e ainda o nadador Michael Phelps com 26 medalhas olímpicas (23 de ouro, 3 de prata e 2 de bronze) entre os anos de 2004 a 2016. A simples menção a esses fatos demonstra a força simbólica dessa celebração que sofreu profundas transformações longo do século XX, distanciando-se do caráter ritualístico do início para se converter em um dos maiores eventos socioculturais do planeta^{6,7,8,9}.

A força simbólica dos Jogos Olímpicos remete tanto à celebração da Antiguidade como ao evento contemporâneo, de forma indistinta. Mesmo dessacralizada a competição atual mantém laços com o ritual do passado. Vale destacar que todo, “[...] espaço sagrado implica em hierofania, uma irrupção do sagrado que tem por resultado o destacar um território do meio cósmico envolvente e o torná-lo qualitativamente diferente¹⁰ (p.40)”.

A competição, para os gregos, era considerada um princípio vital, não apenas pelo rendimento ambicionado, mas em si mesma com independência de todo objetivo. O

homem crescia e se desenvolvia dentro de um espírito criador, um competidor à sua maneira, um ‘agonista’¹¹. Para Brandão, a agonística significa luta, disputa atlética, e prende-se a *agon*, ‘assembleia, reunião’ e, em seguida, ‘reunião dos helenos para os grandes jogos nacionais’, os próprios jogos, os concursos, as disputas. Assim, a rivalidade fazia parte da essência da vida, não apenas em situações onde é fácil a determinação da vitória ou da derrota, mas também em situações imponderáveis como a criação artística. Para o grego, a dignidade e o valor de uma competição não residiam nos resultados². O fator determinante era o brilho e o ardor que penetrava nos corpos e espíritos durante o jogo das possibilidades, dominando o instante supremo.

E foi como uma manifestação cultural que os Jogos Olímpicos da Antiguidade se afirmaram como um ritual sagrado, dessacralizados à medida que as derrotas militares e a conseqüente perda do controle sobre as próprias tradições impuseram um distanciamento da proposta atlética original.

O imaginário esportivo

Muitos são os motivos que levam crianças e jovens a optarem por praticar uma modalidade esportiva que envolve a intenção de ser como um ídolo, o desejo de ser campeão e, nos tempos atuais, possuir os bens que um vencedor conseguiu somar. Ao longo de um século de existência os Jogos Olímpicos provocaram mudança de hábitos, introduzindo o esporte na agenda da educação e da saúde, mediante o uso da figura do atleta como o agente multiplicador de grandes feitos e de ideal identitário. Protagonista do espetáculo esportivo, o atleta passou a ter a sua imagem utilizada de forma institucional como o porta-voz de um estilo de vida e de um devir profissional que o aproxima da figura espetacular do herói. Visto como um ser diferenciado da média, capaz de realizar feitos espetaculares que envolvem habilidade, força, velocidade, capacidade de concentração e disposição para superar os obstáculos que o separam de sua meta, o atleta foi desde o princípio da história olímpica a razão central das competições atléticas.

Retirado dessa condição mítica e reumanizado, seja durante o exercício da carreira competitiva ou na condição de pós-atleta, o atleta carrega consigo o acervo simbólico que nutre o Movimento Olímpico.

O imaginário presente no esporte permanece atrelado a dois modelos imaginários heroicos: um que é mítico e está associado ao esporte desde a Antiguidade; e outro,

pautado na cultura contemporâneo que privilegia o vencedor em qualquer âmbito da vida social^{4,12}.

O herói enquanto figura mítica representa o mortal que transcendendo essa sua condição aproxima-se dos deuses em razão de um grande feito. Essa proeza é quase sempre uma soma de elementos como força, coragem e astúcia, caracterizando-o não como alguém dotado apenas de força bruta, mas como um ser particular, capaz de realizações prodigiosas. O caráter agonístico presente nas realizações atléticas imprime ainda maior dramaticidade e plasticidade ao espetáculo esportivo, embora no princípio a agonística fosse como um prolongamento das lutas dos heróis nos campos de batalha, uma vez que também no *agón* os que disputam fazem uso de vários artifícios bélicos, e dependendo da contenda, expõem-se à morte, ainda que, em tese, a agonística não tenha por objetivo eliminar fisicamente o adversário.

Durand considera que todo pensamento humano é representação, isto é, passa pelas articulações simbólicas, indicando uma continuidade no homem entre o ‘imaginário’ e o ‘simbólico’¹³. O imaginário é assim esse conector necessário pelo qual se constitui toda representação humana. Nesse sentido o imaginário não se destaca das realizações humanas, sejam elas materiais ou psíquicas, favorecendo assim a construção de um sentido para as ações e pensamentos¹⁴.

Paula Carvalho¹⁵ entende que o imaginário é uma dimensão insubstituível de uma vida em profundidade que se estrutura em cinco níveis de todo conjunto humano estruturado: pessoas, interações, grupo, organização e instituição, e

sua positividade funcional não se reduz, o que permite assegurar que entre o grupo e a realidade há sempre algo diferente das relações entre forças reais, há uma relação imaginária que unifica a existencialidade do grupo. Por isso é que ‘não há grupo sem imaginário e, banido um imaginário é ele substituído por outro... assim não há grupo sem mitos’ (p. 36).

Existência e imaginário apresentam-se enquanto forças organizativas contraditórias, porém complementares e simultaneamente concorrentes, cabendo ainda ao imaginário a função básica de garantir uma equilíbrio antropológico¹⁴. São objetos de análise do imaginário, os esquemas verbais (a ação) e os adjetivos (que qualificam os substantivos) que constituirão o universo da sensibilidade e da afinidade. Como forma de permitir a categorização da análise, o autor agrupa essas estruturas em três séries de

esquemas estruturais, isomorfos e entre si irreduzíveis: a heroica, a mística e a sintética, tendo como correspondente dois regimes de imagens, o regime diurno, onde se encontra a estrutura heroica – marcada pela polaridade e oposições definidas; e o regime noturno, onde se encontram as estruturas mística – de onde brotam imagens que obedecem a relações fusionais – e a sintética – estrutura que permite a aproximação entre as duas estruturas antagonizantes anteriores.

O uso campo do imaginário permite um entendimento de práticas narrativas para além do significado da linguagem (o que se diz) para o campo do sentido (o que se pretende dizer). Conforme Ortiz-Osés¹⁶ o sentido visto pela hermenêutica simbólica: “[...] é aquilo que algo nos quer dizer humanamente, pelo que se preconiza um Humanismo pós-moderno ou descentrado, no qual o homem se apresenta transversalmente enquanto implicado e implicador ao mesmo tempo (anarco-humanismo) (p. 138)”.

Vale destacar que a estrutura simbólica do herói envolve ascendência divina mesclada com humana, o que lhes retira a condição de imortais. São, portanto, uma idealização da excelência, que podem alcançar a imortalidade a partir de feitos de difícil realização pelos humanos. Conforme Rubio⁴: “[...] a distância entre deuses e heróis ainda que não seja grande, faz com que o homem se coloque mais próximo do herói, talvez por sua genealogia semi-humana, do que dos deuses, esses sim ilustres e inatingíveis (p. 68)”. A superação é, inegavelmente, a principal marca heroica, tendo a vitória sobre si mesmo como a grande propulsora do herói de todos os tempos.

Se o imaginário heroico é o mobilizador da figura espetacular do atleta, é o imaginário da vitória da terceira geração olímpica que circula no movimento olímpico contemporâneo.

No caso do esporte, a exploração do imaginário olímpico tem a força dos imortais da terceira geração de deuses liderados por Zeus, filho de Cronos, o senhor do tempo, a quem Zeus destronou após vencê-lo em batalha, bem como a seus tios Titãs. Senhor do Olimpo, contou com a ajuda dos irmãos divinos, engolidos pelo pai assim que eram dados à luz pela mãe Réia por temer a profecia de que seria destronado por um filho¹¹. O que mostra o mito é que o domínio do Olimpo não se deu facilmente, nem sem luta. Foi preciso uma grande guerra contra adversários poderosos, bem como a astúcia para produzir os conchavos que permitiram alianças vitoriosas.

Na perspectiva do atleta tem-se o desejo de viver e realizar o imaginário heroico, experimentando em vida a imortalidade possível aos deuses. Do ponto de vista institucional participar de um seleto grupo, coberto com a égide* sagrada da palavra olímpica, representa o pertencimento a um grupo exclusivo composto por imortais. Essa talvez seja a razão que leva alguns esportes já consagrados a desejarem a inclusão no programa olímpico. Além de alcançar um novo patamar de promoção e visibilidade, saindo da condição marginal de práticas alternativas, alcança-se a projeção divina dada àqueles que venceram a guerra contra um grupo igualmente poderoso. Os Jogos Olímpicos oferecem a atletas e dirigentes a visibilidade quadrienal concedida aos olímpicos, porém, como consequência, essa alteração pode gerar o afastamento de sua concepção original, desfigurando tanto o atleta, quanto sua prática, de sua construção cultural original.

O ritual olímpico e a manutenção de um imaginário heroico

O mito conta uma história sagrada, um acontecimento primordial que teve lugar no começo dos tempos. Uma vez revelado, o mito torna-se verdade, proclamando a aparição de um acontecimento primordial ou de uma situação cósmica. Por isso o mito é próximo da ontologia ao falar apenas das realidades que efetivamente se manifestaram. O mito descreve as dramáticas irrupções do sagrado no mundo¹⁰. Essa é a razão por que o mito é explorado e estudado pela etnografia, sociologia, psicologia e história das religiões enquanto tradição sagrada, revelação primordial e modelo exemplar. Nas sociedades em que o mito está *vivo*, ele fornece modelos para o comportamento humano, e por isso mesmo, confere valor à existência.

Campbell¹⁷ considera o mito parte integrante e indissociável da existência humana. Para ele os mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos, “[...] a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas (p.15)”.

O mito¹³ se configura como um relato (discurso mítico) que dispõe em cena

* Pele de cabra que reveste o escudo de Zeus, que lhe servia de arma ofensiva e defensiva. Segundo Brandão¹¹: “Com esse escudo eriçado de pelos como um toirão, guarnecido de franjas, debruado de serpentes e com a cabeça da Górgona no meio, Zeus espalha o terror, agitando-o nas trevas, no fulgor dos relâmpagos e no ribombar dos trovões (p. 332)”.

personagens, situações, cenários geralmente não naturais (divinos, utópicos, *surréels*, etc.), segmentável em reduzidas unidades semânticas (mitemas[†]) nas quais, de modo necessário, está investida uma crença. Tal relato faz funcionar uma lógica que escapa aos clássicos princípios da lógica da identidade. O mito aparece, assim, como discurso último de constituição da tensão antagonista fundamental à do ‘engendramento’ do sentido.

O mito para Brandão¹¹ é um sistema que tenta, de maneira mais ou menos coerente, explicar o mundo e o homem. Ele não possui outro fim senão a si próprio, e a crença nele é um ato de fé. Por isso ele atrai em torno de si toda a parte do irracional no pensamento humano, sendo por sua própria natureza, aparentado à arte, em todas as suas criações. É como uma metalinguagem, já que é uma segunda língua na qual se fala da primeira, é um modo de significação.

A experiência vivida pelo atleta olímpico assemelha-se a um momento definido por Otto¹⁸ como numinoso, ou seja, uma categoria de interpretação e de avaliação própria de quem vive uma experiência estética, reconhecida não como um objeto de definição, mas somente de exame. Isso porque diferentemente de outras inúmeras competições criadas e desenvolvidas ao longo do último século, principalmente depois da ascensão do profissionalismo quando os resultados passaram a ser premiados com vultuosos valores financeiros, os Jogos Olímpicos ainda representam o principal evento esportivo da vida de um atleta, conforme relatos apresentados em estudos anteriores^{4,15,16,19–21}.

Esse estado numinoso vivido por artistas em seus momentos de recolhimento e de arrebatamento guardam semelhança com o êxtase vivido por atletas em momentos em que alcançam o limite de seus corpos durante uma exibição de suas habilidades atléticas¹⁸. Essa vivência não é apenas moral é um sentimento do estado de criatura: “[...] o sentimento da criatura que se abisma no seu próprio nada e desaparece perante o que está acima de toda criatura (p. 19)”. O efeito numinoso: “[...] é de tal natureza que arrebatava e

[†] Mitema pode ser definido, segundo Durand¹⁴, como a menor unidade de discurso miticamente significativa, um ‘átomo’ mítico de natureza estrutural (‘arquetípico’ no sentido junguiano, ‘esquemático’ no sentido durandiano) e seu conteúdo pode ser indiferentemente um ‘motivo’, um ‘tema’, um ‘cenário mítico’, um ‘emblema’, ‘uma situação dramática’. No mitema o ‘verbal domina a substantividade. E mais, desde que o mitema integra um sistema estatístico que define o mito, observa-se – como irredutivelmente a psicanálise o estabeleceu no domínio psicológico – uma dupla utilização possível desse mitema estrutural segundo os recalques, as censuras, os costumes ou ideologias atuantes numa época e num meio dados: um mitema pode se manifestar e semanticamente agir de dois modos diferentes: um modo ‘patente’ e um modo ‘latente’. De modo patente o mitema pode se manifestar pela repetição explícita de seu ou de seus conteúdos (situações, personagens, emblemas, etc.) homólogos; e de modo latente, pela repetição de seu esquema de intencionalidade implícita, pela repetição de um esquema formal mascarado por conteúdos distanciados.

comove desta ou daquela maneira a alma humana (p. 21)”. Para Otto, as emoções compreendidas nesse processo envolvem sentimentos contraditórios compreensíveis pelas ressonâncias de expressões simbólicas. A expressão dessa emoção pode ser observada na solenidade de ritos e cultos e nos espaços em que os rituais ocorrem.

E é dessa expressão numinosa que emana o imaginário heroico que sustenta o simbolismo dos Jogos Olímpicos, diferenciando-o de outras competições esportivas⁴. O adjetivo olímpico somado à ação substantiva do atleta que performa nessa competição confere ao feito mais do que uma marca ou quebra de paradigma. Ela representa assemelhar-se aos feitos consagrados por atletas que alcançam uma espécie de imortalidade por se somarem a um restrito grupo de seres humanos habilidosos capazes de realizações incomuns.

A vivência da experiência olímpica transcende a competição ou o negócio. Ela trata de uma rara oportunidade de se chegar o mais próximo possível daquilo que os seres humanos podem imaginar sobre a imortalidade²²⁻²⁴.

O tempo espaço sagrado esportivo

A questão que se apresenta quando da discussão sobre o adiamento ou cancelamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio abrange questões que superam os interesses comerciais envolvidos com o maior evento esportivo do planeta. É preciso considerar que alterar o calendário toca-se em uma questão até então tratada como sagrada, muito embora poucos ainda se deem conta disso, ainda mais em um mundo marcado pela descrença desse valor. A eclosão de uma pandemia de caráter planetário em um ano olímpico coloca em xeque uma tradição inventada com bases em um ritual de celebração.

Nesse sentido, o estádio é concebido como templo esportivo, configurando-se como *imago mundi*, como local de manifestação da habilidade consagrada aos atletas, a síntese humana do herói esportivo. É por essa perspectiva que se supõe que os valores olímpicos como virtudes humanas, não podem ser profanados. Na *imago stadium* não há espaço para a corrupção humana seja pelo doping, seja pelo equívoco deliberado de um árbitro, ou pela atitude antiética de um oponente.

O tempo vivido durante uma edição olímpica é um tempo de suspensão que pode ser concebido como sagrado, e assim como o espaço¹⁰ ele não é homogêneo, nem

contínuo. O tempo sagrado, é reversível pela sua própria natureza, pois é um tempo mítico que se torna presente.

Toda festa religiosa, todo o tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, “no começo”. Participar de uma festa implica a saída da duração temporal ‘ordinária’, e a reintegração do Tempo mítico reatualizado pela própria festa.” Por sua vez, o tempo sagrado pode-se recuperar sempre, indefinidamente, porque participa de um tempo que não flui. Esse tempo ontológico não sofre alterações, porque nele nada muda. As festas periódicas remetem a esse tempo sagrado, cujo tempo criado é reatualizado pela festa em si, conferindo a estas a condição de eternas. São manifestações de um “tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos¹⁰ (p. 82).

A duração temporal profana é suscetível de ser ‘parada’ periodicamente pela inserção, por meio dos ritos, de um tempo sagrado, não histórico. Ou seja, a cada nova edição de Jogos Olímpicos o tempo sagrado se eterniza, repetindo os feitos de atletas da Antiguidade, ritualmente tornado presente. Os novos participantes da festa tornam-se os contemporâneos do acontecimento mítico. Saem do seu tempo histórico e reúnem-se ao tempo primordial, tempo esse também denominado Eternidade. Esse atleta contemporâneo ao participar de uma competição olímpica, bem como o público que assiste à exibição, participam de uma ritualização na qual a dimensão mítica olímpica é recriada. Aí reside a força simbólica dos Jogos Olímpicos, distinguindo-o de outras competições esportivas, ainda que protagonizadas pelos mesmo atletas.

A compreensão de um *cronos olimpicus* distinto de um *cronos esportivus* é fundamental para que os Jogos Olímpicos sejam tratados de forma singular, mesmo diante de uma catástrofe planetária como o covid-19. Alguns eventos, assim como algumas funções e tarefas, podem ser transferidos e adaptados obedecendo às demandas próprias de um cenário de crise. Não os Jogos Olímpicos.

Os símbolos e tradições que cercam esse evento exigem que eles sejam tratados com o cuidado e o respeito que as celebrações milenares carregam, mesmo no contemporâneo, quando todas essas construções são questionadas. A credibilidade e o desejo de pertencimento construídos aos longos dos anos avalizam as edições olímpicas futuras, mantendo assim o imaginário atual construído sobre os elementos ritualísticos do passado.

Prova disso, foi a manutenção da chama olímpica em Tóquio, mesmo depois de anunciado o adiamento. Símbolo maior do espírito olímpico, a luz que anima os Jogos aguarda acesa a decisão sobre sua manutenção ou seu fenecimento, ainda que todo o cenário construído para sua exibição já não mais exista.

Considerações finais

A crise gerada pela pandemia do covid-19 levou o Movimento Olímpico a se deparar com uma situação inédita na história. Pela primeira vez em mais de um século foi preciso suspender a competição olímpica por razões que escaparam ao planejamento dos organizadores. Embora os Jogos Olímpicos tenham sido interrompidos durante as duas Grandes Guerras, era impensável que uma epidemia pudesse levar ao adiamento ou suspensão daquele que é o tempo sagrado de atletas e comunidade esportiva.

O cenário atual aponta que o sistema esportivo é organizado como uma estrutura sistêmica e não apenas piramidal. O deslocamento de uma de suas partes promove a desorganização do todo. Nesse sentido, tudo é frágil e interdependente. A compreensão disso poderia levar a um diálogo mais horizontalizado e menos verticalizado, ou seja, haveria de se promover uma comunicação maior e mais respeitosa entre todas os participantes do sistema, sejam eles dirigentes, atletas, empresas.

Os Jogos Olímpicos do passado podiam ser uma celebração aos deuses que se afirmam pela presença humana. Mais de 20 séculos depois essa afirmação permanece atual. Os Jogos foram suspensos, apesar de todo o prejuízo material. Com isso quebra-se um rito. Adiar os Jogos de 2020 seria preservar a competição, os negócios, a satisfação dos atletas e do público. Ganhariam todos os que vivem a paixão pela competição. Perder-se-ia um uma celebração ritualística carregada de símbolos, esvaziando-se assim da pregnância mítica construída ao longo de séculos.

Referências

- 1 Andrónicos M. *Los Juegos Olímpicos en la Grecia Antigua*. Atenas: Ekdotiké Hellados; 2003.
- 2 Boga M. *Jogos Olímpicos na antiga Grécia e olimpismo moderno*. Lisboa: Imprensa Lucas; 1964.
- 3 Diem C. *Historia de los deportes*. Barcelona: Luis de Caralt; 1966.
- 4 Rubio K. *O atleta e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
- 5 Hobsbawn E, Ranger T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1997.

Rubio K. Os jogos olímpicos como hierofania: rito e ritual, uma tradição, mais que um campeonato. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2020;4 Spec No 1: 1-15.

6 Roche M. *Mega-events and modernity: Olympics and expos in the growth of global culture*. London: Routledge; 2000.

7 MacAloon JJ. Agenda 2020 and the Olympic Movement. *Sport Soc*. 2016; 19(6):767–85.

Chappelet J-L. Towards better Olympic accountability. *Sport Soc*. 2011;14(3):319–31.

9 Chalip L. Towards Social Leverage of Sport Events. *J Sport Tour*. 2006; 11(2):109–27.

10 Eliade M. *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil; 1999.

11 Brandão J. *Mitologia Grega I*. Petrópolis: Vozes; 1999.

12 Rubio K. Identidade heroica e narrativas biográficas: A memória do esporte por atletas olímpicos. *Olimpianos - Journal of Olympic Studies*. 2019; 3:1–24.

13 Durand G. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica. *Rev da Fac Educ*. 1985;11(1/2):243–73.

14 Durand G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes; 1997.

15 Paula Carvalho JC. Pedagogia do imaginário e cultura análise de grupos: educação fática e ação cultural. *Rev da Fac Educ*. 1989;15(2):133–51.

16 Ortiz-Osés A. Hermenêutica, sentido e simbolismo. In: Araújo AF, Baptista FP. *Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget; 2003. p. 93–139.

17 Campbell J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena; 1986.

18 Otto R. *O sagrado*. Lisboa: Edições 70; 1992.

19 Rubio K, Veloso R, Leão L. Between solar and lunar hero: a cartographic study of Brazilian Olympic athletes in the social imaginary. *Im@go A J Soc Imag*. 2018;11:147–62.

20 Rubio K. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. *Psicol Soc*. 2006;18(1):86–91.

21 Almeida WD, Rubio K. Three Athletes, Two Countries and a Single Club: The Process of Identity Formation of Immigrant Sailors in Brazil. *OALib*. 2017; 4(03): 1–12.

22 Melo GF, Rubio K. Mulheres atletas olímpicas brasileiras: início e final de carreira por modalidade esportiva. *R bras Ci e Mov*. 2017; 25(2): 104-116.

23 Almeida WD, Rubio K. Novos brasileiros nos jogos olímpicos: a presença de migrantes internacionais na delegação do país na Rio-2016. *Rev Bras Ciência e Mov*. 2018; 26(1):131–42.

24 Ferreira Junior NS, Rubio K. Término, transição e vida pós-atleta entre corredoras olímpicas brasileiras. *Olimpianos - Journal of Olympic Studies*. 2017; 1(2): 187-209.